

Uma Alemanha remilitarizada?



Por ANDREW KORYBKO*

À medida que a influência americana diminui, ela criará vazios políticos e de segurança que outros competem para preencher

A [Foreign Affairs](#) alertou que uma Alemanha fortalecida e remilitarizada pode representar mais um desafio à estabilidade europeia. A agência está convencida de que a “*Zeitenwende*” – ou ponto de virada histórico – do ex-chanceler Olaf Scholz “é real desta vez”, no sentido de que seu sucessor, Friedrich Merz, agora conta com o apoio parlamentar e popular para transformar seu país em uma grande potência. Embora isso supostamente beneficiasse a Europa e a Ucrânia, não estaria isento de três sérios riscos.

Segundo os dois autores do artigo, isso implica em: (i) a Rússia travando mais guerras híbridas contra a Alemanha; (ii) a ascensão da Alemanha possivelmente provocando mais nacionalismo nos países vizinhos (ii) e isso potencialmente levando a uma explosão de ultranacionalismo na Alemanha.

O catalisador para tudo isso é o gradual desligamento dos EUA da OTAN, provocado pela repriorização da região Ásia-Pacífico pelo governo de Donald Trump. À medida que a influência americana diminui, ela criará vazios políticos e de segurança que outros competem para preencher.

Certamente, o artigo em si visa mais promover as supostas vantagens da implementação tardia pela Alemanha da “*Zeitenwende*” de Olaf Scholz, que os autores elogiam como algo há muito esperado e uma resposta natural ao catalisador mencionado, visto que a Alemanha já é a líder de fato da União Europeia. Ao mesmo tempo, abordar os riscos reforça sua credibilidade aos olhos de alguns leitores, permite-lhes lançar sutilmente uma sombra sobre Donald Trump e apresenta os autores como previdentes caso qualquer um dos casos acima ocorra.

Começando pelo primeiro dos três, é previsível que a Alemanha e a Rússia realizariam mais operações de inteligência uma contra a outra se a primeira desempenhar o papel de liderança do continente na contenção da segunda, que, naturalmente, consideraria uma ameaça latente por razões históricas óbvias. O artigo omite qualquer menção à forma como o novo papel da Alemanha prejudicaria os interesses russos e deturpa qualquer resposta de Moscou como agressão não provocada.

Eles são mais justos em relação ao segundo risco de os países vizinhos se tornarem mais nacionalistas em reação a uma Alemanha fortalecida e remilitarizada, mas não entram em detalhes. A Polônia é provavelmente a candidata mais provável, visto que tais sentimentos já estão em ascensão neste país. Isso é uma reação à coalizão liberal-globalista governante em geral, à sua suposta subserviência à Alemanha e às preocupações de que uma Alemanha possivelmente liderada pela AfD possa tentar recuperar o que a Polónia considera seus “Territórios Recuperados”.

O último risco se baseia no que os autores expressaram como o pior cenário de “um exército alemão fortalecido primeiramente por governos politicamente centristas e pró-europeus [caindo] nas mãos de líderes dispostos a relitigar as

a terra é redonda

fronteiras da Alemanha ou a renunciar à deliberação no estilo da União Europeia em favor da chantagem militar”. É essa consequência potencial que é a mais importante a ser avaliada, já que se espera que as duas primeiras sejam características duradouras dessa nova era geopolítica na Europa, enquanto a última é incerta.

Espera-se que o resultado das eleições presidenciais polonesas no próximo mês determine em grande parte a dinâmica futura das relações polaco-alemãs. Se o candidato conservador cessante for substituído pelo candidato liberal, a Polônia provavelmente se subordinará ainda mais à Alemanha, contará com a França para equilibrar a situação com os EUA ou se voltará para a França. Uma vitória dos candidatos conservadores ou populistas, no entanto, diminuiria a dependência da Alemanha, equilibrando-a com a França ou repriorizando os EUA.

Prevê-se que a França tenha um papel mais proeminente na política externa polonesa, de qualquer forma, devido à sua parceria histórica desde a era napoleônica, bem como às preocupações contemporâneas compartilhadas sobre a ameaça que uma Alemanha fortalecida e remilitarizada poderia representar para eles.

Os franceses, em geral, estão menos preocupados com a possibilidade de a Alemanha relitigar suas fronteiras do que alguns poloneses e estão muito mais preocupados com a possibilidade de perder a chance de liderar a Europa, total ou parcialmente, após o fim do conflito ucraniano.

França, Alemanha e Polônia competem entre si nesse aspecto, com os resultados mais prováveis sendo a hegemonia alemã por meio da visão da “*Zeitenwende*”, com a França e a Polônia frustrando isso conjuntamente na Europa central e oriental, ou um “Triângulo de Weimar” revitalizado para um governo tripartite sobre a Europa.

Enquanto a livre circulação de pessoas e capitais na União Europeia for mantida, o que - obviamente, não pode ser considerado garantido, mas é provável - as chances de uma Alemanha liderada pela AfD reconsiderar sua fronteira com a Polônia são baixas.

Isso porque alemães com ideias semelhantes poderiam simplesmente comprar terras na Polônia e se mudar para lá se quisessem, ainda que sujeitos às leis polonesas, que não diferem em nenhum sentido significativo das leis alemãs para todos os efeitos no que diz respeito ao seu cotidiano. Além disso, embora a Alemanha de fato planeje passar por um reforço militar sem precedentes, a Polônia já está no meio do seu próprio reforço e tem se mostrado mais bem-sucedida nisso depois de se tornar a terceira maior força militar da OTAN no verão passado.

Também é improvável que os EUA se retirem completamente da Polônia, muito menos de toda a Europa central e oriental, portanto suas forças provavelmente permanecerão lá para sempre, como um impedimento mútuo contra a Rússia e a Alemanha. Nenhum dos dois tem a intenção de invadir a Polônia, então essa presença seria principalmente simbólica e com o propósito de tranquilizar psicologicamente a população polonesa, historicamente traumatizada quanto à sua segurança. De qualquer forma, a questão é que o pior cenário que os autores abordaram é muito improvável de se concretizar.

Em resumo, isso se deve ao seguinte: a Polônia ou se subordinará à Alemanha após as próximas eleições ou dependerá mais da França para equilibrar a situação (se não priorizar os EUA em detrimento de ambos); o livre fluxo de pessoas e capitais na União Europeia provavelmente permanecerá por algum tempo; e os EUA não abandonarão a Europa central e oriental. Consequentemente, esses fatores: apaziguarão ou equilibrarão uma Alemanha possivelmente ultranacionalista (liderada pela AfD); idem; e dissuadirão qualquer potencial revisionismo territorial alemão (seja por meios legais ou militares).

Chegando ao fim, pode-se concluir que a nova ordem que está tomando forma na Europa provavelmente não levará a uma restauração dos riscos entre guerras, como as Relações Exteriores alertaram ser o pior cenário, mas à criação de esferas de influência sem tensões militares. Quer a Polônia se mantenha fortemente por conta própria, parceira da França ou subordinada à Alemanha, nenhuma mudança de fronteira é esperada na direção ocidental ou oriental, com todas as formas

de futura competição germano-polonesa permanecendo administráveis.

***Andrew Korybko** é mestre em Relações Internacionais pelo Instituto Estadual de Relações Internacionais de Moscou. Autor do livro Guerras híbridas: das revoluções coloridas aos golpes (*Expressão Popular*). [<https://amzn.to/46lAD1d>]

Tradução: **Artur Scavone**.

A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.

Ajude-nos a manter esta ideia.

[CONTRIBUA](#)

A Terra é Redonda